



Caricatura de Qorpo-Santo.

QORPO-SANTO

À margem das margens internas

DAVI FAZZOLARI

Um “maldito” trilhando os caminhos da literatura marginal ao seu tempo, Qorpo-Santo poderia ser registrado como o contraponto cultural aos incipientes costumes e gostos da burguesia nacional em formação, nos meados do século XIX. Não tivesse a obra ignorada àquela altura, teria sido a alternativa ácida, perversa, a explorar uma complexa temática de paradoxos, em uma sociedade que se queria espelhar em cotidianos europeus, em reflexões urdidas fora de seu próprio eixo espacial. Contudo, as tão enigmáticas construções artísticas de José Joaquim de Campos Leão, autoproclamado “Qorpo-Santo”, passaram para a história de nossas artes como obra de uma mente insana, desequilibrada, em desajuste com as “boas expectativas” nacionais.

Graças ao esforço de estudiosos e professores do Rio Grande do Sul — em particular de Aníbal Damasceno Ferreira —, sua produção voltou à tona e deu provas de seu acentuado valor artístico, ao resistir ao secular tempo de engavetamento. Muitos episódios transformadores das letras nacionais e internacionais também contribuíram para uma recepção mais adequada às suas cenas e aos seus versos, apesar da larga espera de maturação não da obra, evidentemente, mas do público.

■ QORPO-SANTO (1829-83)

Nasceu em Triunfo (RS) e mudou-se para Porto Alegre, onde estudou gramática e dedicou-se ao comércio. Durante algum tempo, levou uma vida convencional, como professor do ensino público. Participou de modo atuante nas comunidades onde se estabeleceu, foi eleito vereador em duas ocasiões. A partir de 1862, surgiram os primeiros sintomas de distúrbio mental. Nesse ano, sua esposa Inácia Maria, com quem tivera cinco filhos, solicitou e conseguiu sua interdição judicial. Inconformado, Qorpo-Santo deu início a uma longa batalha médico-judicial para reaver seus direitos. Em 1868, viajou para o Rio de Janeiro e internou-se no Hospício Pedro II para avaliações. O resultado do laudo atestou que o escritor estava apto a exercer sua profissão e gerir seus bens. Ainda assim, o juiz do processo que continuava correndo em Porto Alegre declarou-o insano e manteve a interdição. Diante das dificuldades financeiras que a interdição lhe causava, foi obrigado a diminuir a intensidade de suas atividades artísticas e comerciais. Morreu vítima de tuberculose.

AS ANTECIPAÇÕES ÀS VANGUARDAS

Entre o leitor do XIX romântico e o leitor do início do XXI, haverá o Rea-

JUÓ BANANÈRE ■

Apesar de produzir sua obra em versos já no século xx, Juó Bananère talvez seja a experiência paulista mais coeva a Qorpo-Santo em nossas letras. O engenheiro Alexandre Ribeiro Marcondes Machado (1892-1933), nascido na cidade paulista de Pindamonhangaba, transfigurou-se em um barbeiro italiano que atendia por Juó Bananère, para fixar o olhar do imigrante às condições socioculturais do início do século xx. Produzia seus versos críticos e irônicos valendo-se de uma língua portuguesa macarrônica e investigativa. Assim como o autor gaúcho, também defendia suas ideias exercendo o papel de jornalista, em seu caso no *Estado de S. Paulo* e na revista pré-modernista *O Pirralho*. E do mesmo modo, depois de sua morte, teve sua singular obra esquecida por um longo tempo, só retomada mais recentemente pelo esforço de alguns estudiosos e editores paulistas.

SALVADOR DALÍ (1904-89) ■

Pintor surrealista, nascido em Figueres, Catalunha, na Espanha, é o fundador do método crítico-paranoico, que explora, por meio de associações, os fenômenos delirantes em sua obra pictórica. Colaborou com Luis Buñuel para a realização da obra *Um cão andaluz*, exibido em Paris, no Cine Studio des Ursulines, em 1929.

LUIS BUÑUEL (1900-83) ■

Nasceu em Calanda, Aragão, na Espanha. Dono de uma extensa filmografia, costuma ser o primeiro nome mencionado pela crítica quando se trata da fixação de elementos surrealistas no cinema. Em seu período de formação, conviveu com artistas como Federico García Lorca e Salvador Dalí (com quem assinou alguns de seus primeiros roteiros) na Residência de Estudantes de Madri.

lismo e suas introspecções psicológicas, o Naturalismo em suas constantes zoomorfizações cientificistas, os versos simbolistas, as vanguardas modernistas, as novas experimentações da semântica e da sintaxe da língua portuguesa em território brasileiro. No século xx, entre tantas variações temáticas e experimentações da forma, o leitor passou pelas *macunaímicas* recolhas brasileiras de Mário de Andrade, pelo teatro antropológico de Oswald de Andrade, pela língua macarrônica de Juó Bananère, pelas manipulações de sufixos e prefixos em Guimarães Rosa, pelo realismo fantástico de Murilo Rubião, pelas introspecções psicológicas de Clarice Lispector e pelas contenções sintáticas em Graciliano Ramos. Entre os impulsos idealizadores do século xix e o, por vezes, ainda tão romântico xxi, as páginas do incompreendido e “singular”² escritor gaúcho podem ser, enfim, recebidas por retinas treinadas, por leituras mais experientes, por competências leitoras mais amplas.

Os enigmáticos dramas de Qorpo-Santo encontram, finalmente, um leitor que testou seu olhar e desenvolveu estratégias de leitura que sublimaram a lógica do enredo como norteadora das compreensões e fluências universais. A leitura no século xxi, depois de ter atravessado os mares agitados das deformações expressionistas, das geometrizações cubistas, das subversões dadaístas e, principalmente, das oníricas exaltações psicanalíticas dos surrealistas; ao alcançar a decodificação das imagens em movimento, em duplos, triplos, quádruplos sentidos, nas obras de Dalí ou de Buñuel, e mergulhar profundamente em uma nova forma de recepção do produto artístico, poderá amparar o, à sua época, enlouquecido, interditado e incompreendido artista que saltou de si para um novo corpo, recriando, como um heterônimo português antecipado, sua trágica autobiografia, nos mais variados gêneros disponíveis.

Adultérios, prostituição, puritanismos, falsidade ideológica, homossexualismo, violência doméstica, experiências vividas, às vezes, por personagens intercambiáveis em tempos e espaços de atuação instáveis e incommensuráveis, contornam a temática de Qorpo-Santo, ora anunciando a sociedade moral que idealizava, ora registrando, em contraponto, cenas de sua própria vida, em um mar confessional de suas dores e desgostos pessoais. De uma

² O professor Luís Augusto Fischer, em seu *Coruja, Qorpo-Santo & Jacaré* nos adverte sobre a classificação de “singular”, e não de “precursor” (fosse do Surrealismo ou do Absurdo) registrada pelo jornalista e cineasta Aníbal Damasceno Ferreira, talvez o maior responsável pelo ressurgimento da obra de Qorpo-Santo no século xx.



Carga de cavalaria Farroupilha, de Guilherme Litran. Óleo sobre tela, 1893.

forma ou de outra, construiu sua obra a partir de um repertório temático à frente de sua época.

A ACOLHIDA DA TEMÁTICA REBELDE

Qorpo-Santo parece ter desenvolvido suas peças a partir de dois eixos temáticos, propulsores de variadas situações observadas na formação de uma sociedade burguesa que começava a se urbanizar: 1) os impedimentos promovidos pela burocratização do Estado; e 2) o embrutecimento das relações afetivas, a partir de perfis de mulheres e homens que parecem minar qualquer projeto romântico de idealização moral e ética da família brasileira.

INFIDELIDADES, TRAIÇÕES & CIA.

Nas peças de Qorpo-Santo a acomodação dos seres debaixo do mesmo teto conspira contra a “célula-mãe” da sociedade. A repulsa ao outro dá o tom das reflexões e dos diálogos estabelecidos ao largo das cenas. Curiosamente, preservam-se os espaços familiares enquanto desintegram-se os laços afetivos. Dessa forma, Qorpo-Santo antecipa o modo como os realistas descreverão os movimentos das máscaras sociais.

Em *Mateus e Mateusa*, o autor expõe um matrimônio de mais de cinquenta anos. As personagens agriem-se verbal e fisicamente durante as três cenas do ato único, como neste trecho da primeira cena:

MATEUS (*caminhando em roda da casa; e Mateusa assentada em uma cadeira*):
Que estão fazendo as meninas, que ainda as não vi hoje?!

MATEUSA (*balançando-se*): E o senhor que se importa, senhor velho Mateus, com as suas filhas?!

MATEUS (*voltando-se para esta*): Ora é boa esta! A senhora sempre foi, é, e será uma (*atirando com a perna*) não só impertinente, como atrevida!

MATEUSA: Ora, veja lá, senhor Torto (*levantando-se*), se estamos no tempo em que o senhor a seu belo prazer me insultava! Agora eu tenho filhos que me hão de vingar!

Em dado momento, durante uma das desavenças, será possível observar, por parte de Mateus, um lampejo de reconciliação que, talvez, justificasse a tão longa união. No entanto, mesmo que o público idealize a transformação das personagens e a superação dos conflitos, na mesma fala, tudo voltará à lógica estabelecida desde o início.

MATEUS (*correndo a abraçá-la apressadamente*): Minha queridinha; minha velhinha! Minha companheirinha de mais de cinquenta anos (*agarrando-a*), por quem és, não fujas de mim, do vosso velhinho! E as nossas queridas filhinhas! Que seriam delas, se nós nos separássemos; se tu buscassem, depois de velha e feia, outro marido, ainda que moço e bonito! Que seria de mim? Que seria de ti? Não! Não! Não! Tu jamais me deixarás. (*Tanto se abraçam; agarram; pegam, beijam-se, que cai um por cima do outro.*) Ai! Que quase quebrei uma perna! Esta velha é o diabo! Sempre mostra que é velha e renga! (*Querem erguer-se sem poder.*) Isto é o diabo!...

MATEUSA (*levantando-se, querendo fazê-lo apressadamente e sem poder, cobrindo as pernas que, com o tombo, ficaram algum tanto descobertas*): É isto, este velho! Pois não querem ver só a cara dele? Parece-me o diabo em figura humana! Estou tonta... Nunca mais, nunca mais hei de aturar este carneiro velho, e já sem guampas! (*Ambos levantaram-se muito devagar; a muito custo, e sempre praguejando um contra o outro. Mateusa, fazendo menção ou dando no ar ora com uma, ora com outra mão.*) Hei de ir-me embora; hei de ir; hei de ir!

Não será raro encontrar em algumas outras peças de Qorpo-Santo situações que, de certa forma, corrompem expectativas românticas de época. Muitas vezes, as mulheres dão o tom e determinam as ações e as iniciativas amorosas, afastando-se por completo da passividade das senhoras idealizadas naquele século. Peças como *Duas páginas em branco*, *As relações naturais*, *Dois irmãos*, entre outras ainda, se mostram interessante leitura para um estudo de gênero, dentro da história do teatro nacional.

A BUROCRACIA E O ACERVO DE IMPOTÊNCIAS

Muito próximo do que leríamos nas incongruências estabelecidas nos contos do escritor tcheco **Franz Kafka**, encontramos alguns labirínticos diá-

logos, desenvolvidos em certas peças de Qorpo-Santo, em nítido ataque e condenação aos caminhos burocráticos do Estado. A repartição pública como cenário transforma-se em uma espécie de receptáculo de cenas cíclicas dentro da rotina do homem comum.

Em *Um credor da Fazenda Nacional*, “um credor” vai todos os dias a determinada repartição pública tentar receber o que lhe devem, mas não consegue, por motivos aleatórios à lógica da situação, dar cabo desse seu único objetivo. Veja-se o trecho inicial:

UM CREDOR (*entrando em uma repartição pública; para o porteiro*): Está o senhor inspetor?

PORTEIRO: Está; mas não se lhe pode agora falar.

CREDOR Por quê?

PORTEIRO: Está muito ocupado!

CREDOR: Em quê?

PORTEIRO Tem gente aí com ele.

CREDOR: Quem é?

PORTEIRO: Um major!

CREDOR: Irá demorar-se muito?

PORTEIRO: Ignoro.

CREDOR: Pois diga-lhe que lhe quero falar!

PORTEIRO: Não posso ir lá agora.

CREDOR: Quantas horas estarei eu aqui à espera que o senhor major saia para que eu entre! (*passeia*)

Em *O marinheiro escritor*, Qorpo-Santo, ao tratar das idas e vindas de requerimentos, chega a condenar radicalmente as inoperâncias de um sistema que o imobiliza. A sequência segue os passos de *Um credor da Fazenda Nacional*, mas, agora, culmina em um desabafo do autor, filtrado pela fala de Mitra, personagem que surge apenas no quadro primeiro do ato segundo.

MITRA (*para Lamúria*): Sabe dizer-me se já foi despachado o meu requerimento?

LAMÚRIA: Teve o seguinte despacho (*pegando e abrindo um livro*): “Não tem lugar o que requer o suplicante, em vista da informação da tesouraria”.

MITRA: Pois é possível que tal fosse o despacho que teve o meu requerimento!?

LAMÚRIA: Está aqui escrito.

MITRA: Isso não obsta!

LAMÚRIA: Pois então faça outro requerimento.

LAMÚRIA: Não faço; este é o terceiro que submeti despacho sobre o mesmo assunto. O primeiro teve um despacho inconveniente, por semelhante a este. O segundo não teve despacho. E o terceiro tem um despacho contrário a meu direito de propriedade e a leis escritas. Para que, pois, hei de eu mais pegar em pena para fazer requerimentos neste sentido!?

■ FRANZ KAFKA (1883-1924)

É apontado por parte da crítica literária como precursor do Surrealismo. Curiosamente, também teve a obra reconhecida bem depois de seu falecimento. O peso do Estado no controle das relações humanas é medido, em contos e romances, pela exacerbação de aspectos burocráticos, dispostos em uma espécie de espiral contínua. Muitas dessas características também podem ser lidas em nosso Qorpo-Santo.

LAMÚRIA: Então...

MITRA: Sabe o senhor o que precisava fazer-se a meia dúzia de empregados públicos? Enforcá-los! Já tem sido o seu procedimento irregular ou contrário aos direitos dos outros homens, ou transgressões das Leis — a causa, e está sendo de milhares de desgraças, que estúpidos, observamos e lamentamos no Estado! E querem continuar, sabendo-o, proceder de igual modo para que tais infortúnios continuem a observar-se e lamentar-se! Deus vingará os inocentes e flagelará os criminosos, é quanto basta. Eu até penso que não está no lugar em que devia, pois da letra M se passa a N e de I a J...

LAMÚRIA: Pois é para ver; é o que está aqui escrito.

Qorpo-Santo parece alçar ao palco o ambiente intermediário entre o Estado e o cidadão. De certa forma, ao circundar os elementos visíveis dessa relação — o funcionário público e um requerente — projeta suas próprias demandas e, mais uma vez, apresenta sua biografia em cena, e vice-versa.

Mais adiante um pouco, Leão, personagem que se despede das autoridades anunciando sua ida a Aljubarrota, retoma o discurso dessa coleção de impossibilidades.

LEÃO (*sala do inspetor da tesouraria*): Participo a vossa senhoria que parto breve para Aljubarrota a fim de trazer os atestados que me são necessários para haver desta repartição quantias que me deve, cujo reembolso eu não posso prescindir.

INSPETOR DA TESOURARIA: Por que não vai obter da presidência da província ordem para ser embolsado!?

LEÃO: Tenho requerido por vezes; e ainda anteontem o despacho que se me deu foi: “Não tem lugar, em vista da informação da tesouraria”. Portanto, agora, cumpre-me para havê-las a apresentação dos documentos com que prove deverem-se a mim.

INSPETOR DA TESOURARIA: À vista disso, faça o que mais conveniente julgar.

LEÃO: É o que pretendo, o que mais me parece convir; e por isso porei em prática. Estimarei que vossa senhoria continue a gozar perfeita saúde e a desempenhar como deseja e convém, aos interesses públicos, as importantes funções de seu cargo. (*faz profunda reverência e retira-se*)

Apesar de toda afronta vivida pelas personagens, vítimas de tais contradições e absurdos, o ressentimento em Qorpo-Santo parece ser apenas um lamento elaborado por vãs advertências, do derrotado aos vencedores. E, muito embora consiga destilar seus rancores em ironias, às vezes deixa transparecer uma espécie de “cansaço de guerra”.

A LINGUAGEM EXPERIMENTAL

Em um movimento semelhante à leitura das futuras obras surrealistas — surgidas apenas no século XX —, para a melhor aproximação do enredo seria necessário que o leitor (ou o público, caso tivessem sido encenadas as peças)

de época reorganizasse as lacunas de acolhida das circunstâncias subversivas nas quais se estabelecem os elementos estruturais do enredo.

A ressaltar (e destacar!) a precocidade dessas estratégias em Qorpo-Santo, as “corrosões” às tramas podem ser assimiladas pelo leitor de nossos dias como parte das intenções gerais do espetáculo. Mesmo os mais jovens foram tantas vezes expostos a tramas interrompidas, torneadas, às vezes, a modos tão perturbadores — com tantas possibilidades que as novas tecnologias têm propiciado ao cinema e à televisão — que os impactos provocados pelas alternâncias de movimentos e falas das personagens podem ser recebidas, já despidas de repulsas românticas ou moralistas.

No segundo ato de *Um credor da Fazenda Nacional*, como é de costume em certas peças suas, Qorpo-Santo assume o papel do credor e costura mais um capítulo de sua angustiante autobiografia. Ultrapassa, assim, o suporte, seja do papel, seja do palco, em uma típica relação de convivência entre “arte e vida” que será experimentada na arte contemporânea dos séculos XX e XXI.

CREDOR (*entrando*): É a vigésima... não me lembro se quinta ou sétima vez que venho a esta casa haver aluguéis de casa! E talvez ainda hoje saia sem dinheiro! (*à parte*) Mas eles hão de se arranjar! (*a um dos empregados, o contador*) Vossa Senhoria faz-me o obséquio de dizer se está despachado o conteúdo, ou quer que seja, quanto a um requerimento que aqui tenho?

CONTADOR: Será... (*lendo*) Castro... Car... Cirilo, Dilermando!?

CREDOR: Não! É um requerimento meu, assinado: José Joaquim de Campos Leão, Qorpo-Santo.

CONTADOR: Ah! Esse está no chefe da quarta seção.

CREDOR: Bem, então lá irei. (*dirigindo-se ao chefe*) Faz-me o obséquio de dizer se já está despachado um requerimento que aqui tenho?

CHEFE (*apontando*): Fale ali com o senhor Barbosa.

■ ARTE E VIDA

Qorpo-Santo parece, de fato, estabelecer esse dispositivo que permite “vivenciar-se” como “personalidade literária”. Desde as investidas dadaístas e surrealistas, a aproximação entre arte e vida estabelece novas frentes de um debate que se expande na arte contemporânea, ao desafiar a compreensão habitual do mundo que nos cerca e insistir na abertura de expressões artísticas que investigam seus temas a partir da experiência biográfica do próprio artista.

Túnel do Tempo A casa de Qorpo Santo



Imagem original da casa onde nasceu Qorpo Santo, em 1829, em Triunfo

Em Triunfo, trava-se uma cruzada por ótima causa: recuperar das ruínas a casa onde nasceu o dramaturgo Qorpo Santo, o atormentado precursor do teatro do absurdo. A missão está com a Fundação Cultural Qorpo Santo, que tenta sensibilizar o setor público e a iniciativa privada para que a casa se transforme em um complexo cultural que seja a referência da obra literária do triunfense, que terá seu bicentenário de nascimento comemorado em 2029.

Nascido Joaquim de Campos Leão, em 19 de abril de 1829, Qorpo Santo incorporou no próprio nome as transformações que sofreu ao longo do tempo em seu processo de criação intelectual. Um insatisfeito com a ortografia da língua portuguesa, criou um estilo próprio de escrever, não só na grafia como também na forma de expressão atemporal e futurista. Tãmanha desconexão com seu tempo custou-lhe a incompreensão geral e da família, que o considerou inapto para gerenciar seus bens. Interditado, enfrentou um período de alucinações por volta de 1864 e passou a escrever compulsivamente, deixando um legado de obras literárias inéditas, boa parte delas na biblioteca da PUC/RS. Em



A casa do dramaturgo, hoje, em ruínas e à espera de restauração

Ensiqlopédia ou Seis Mezes de Huma Enfermidade, por exemplo, reúne em nove volumes poemas, confissões, receitas de culinária, máximas e 17 peças teatrais. Em muitas passagens, a marca da própria ortografia.

Morto em 1883, sua vasta produção começa a ganhar reconhecimento e estudos apenas a partir da década de 1960. E, agora, a campanha pela recuperação da casa pode, finalmente, resgatar a memória de todo seu trabalho.

Colaboração: Fundação Cultural Qorpo Santo

Notícia do jornal *Zero Hora* sobre a casa de Qorpo-Santo.

CREDOR (*dirigindo-se a este*): Ainda não encontrou o que procurava a meu respeito?

BARBOSA: Ainda não! Há aqui tantos papéis!

CREDOR: Ora, com efeito! Pois tanto custa ver um ofício da presidência ou ver o assentamento que em virtude desse ofício deve existir no livro competente?

Isto é, no mesmo em que se acham debitados tais aluguéis!? (*senta-se*)

CHEFE Vossa excelência, não adianta nada em esperar aqui! Antes atrasa o serviço para conseguir o que quer; deixe estar que se está trabalhando!

A aproximação entre “arte e vida” que se lê pela ficcionalização do próprio autor, agora denominado Impertinente, no início da peça *As relações naturais*, chega a produzir, ao largo da trama, os efeitos do **metateatro**.

IMPERTINENTE: Já estava admirado; e, consultando a mim mesmo, já me parecia grande felicidade para esta freguesia o não dobrarem os sinos... E para eu mesmo não ouvir os tristes sons do fúnebre bronze! Estava querendo sair a passeio, fazer uma visita; e já que a minha ingrata e nojenta imaginação tirou-me um jantar, pretendia ao menos conversar com quem isso me havia oferecido. Entretanto não sei se o farei! Não sei porém o que me inspirou continuar no mais improficuo trabalho! Vou levantar-me, continuá-lo; e talvez escrever em um morto: talvez nesse por

METATEATRO ■

O metateatro ou metadrama — que viria a ser, em uma definição urgente e simplória, “o teatro tematizado em cena” — perpassa toda a história universal da arte dramática, de Plauto a Ionesco, de Shakespeare a Oswald de Andrade, de Calderón de la Barca a Pirandello, em um recurso aparentemente natural e frequente do gênero, talvez sintetizada pela fala do poeta e também dramaturgo espanhol Federico García Lorca, em entrevista concedida em 1936 (tradução nossa):

O teatro é a poesia que se ergue do livro e se faz humana.

E ao fazer-se, fala e grita, chora e se desespera.

O teatro necessita que as personagens que apareçam em cena vistam um traje de poesia e ao mesmo tempo que se lhes vejam os ossos, o sangue...

Ao que tudo indica, essa estratégia de aproximação do público a partir da exposição de elementos técnicos de bastidores da elaboração da peça em si, ou mesmo do próprio teatro como gênero, independe de época ou do tema. Talvez o caso que mais tenha se popularizado seja o *Hamlet* de Shakespeare, que oferece, em meio à trama, um grupo de atores que se apresenta para as personagens do primeiro plano daquele enredo, revelando, na encenação dentro da encenação, os caminhos técnicos do teatro itinerante de época.

quem agora os ecos que inspiram pranto e dor despertam nos corações dos que os ouvem, a oração pela alma desse a cujos dias Deus pôs termo com a sua Onipotente voz ou vontade! E será esta a comédia em quatro atos, a que denominarei: *As Relações Naturais*. (*Levanta-se; aproxima-se de uma mesa; pega uma pena; molha em tinta; e começa a escrever.*) São hoje 14 de maio de 1866. Vivo na cidade de Porto Alegre, capital da Província de S. Pedro do Sul; e, para muitos, — Império do Brasil... Já se vê, pois, que é isto uma verdadeira comédia! (*Atirando com a pena, grita.*) Leve o diabo esta vida de escritor! É melhor ser comediante! Estou só a escrever, a escrever; e sem nada ler; sem nada ver. (*Muito zangado.*) Podendo estar em casa de alguma bela gozando, estou aqui me incomodando! Levem-me trinta milhões de diabos para o Céu da pureza, se eu pegar mais em pena antes de ter... Sim! Sim! Antes de ter numerosas moças com quem passe agradavelmente as horas que eu quiser. (*Mais brabo ainda.*) Irra! Irra! Com todos os diabos! Vivo qual burro de carga a trabalhar! A trabalhar! Sempre a me incomodar! E sem nada gozar! Não quero mais! Não quero mais! E não quero mais! Já disse! Já disse! E hei de cumpri-lo! Cumpri-lo! Sim! Sim! Está dito! Aqui escrito (*Pondo a mão na testa.*); está feito; e dentro do peito! (*Pondo a mão neste.*) Vou portanto vestir-me, e sair para depois rir-me; e concluir este meu útil trabalho! (*Caminha de um para outro lado; coça a cabeça; resmunga; toma tabaco ou rapé; e sai da sala para um quarto; veste-se; e sai o mais jocosamente que é possível.*) Estava (*ao aparecer*) eu já ficando ansioso de tanto es-

crever, e por não ver a pessoa que ontem me dirigiu as mais afetuosas palavras! (*Ao sair, encontra uma mulher ricamente vestida, chamada Consoladora.*)

Com o mesmo impulso motivador, Qorpo-Santo desloca-se no tempo e no espaço para tecer considerações acerca de seus pensamentos, de sua ideologia e de sua obra. Em *Hoje sou um; e amanhã outro*, comédia em três atos, suas ideias surgem em cena pelas palavras do *Ministro* e conselheiro do *Rei* — em um “Império do Brasil” impreciso — e chegam a convencê-lo de que os papéis sociais são efêmeros e, mesmo que hoje seja rei, amanhã poderá ser servo, e vice-versa. Teria, esse ministro, ouvido a teoria de “um filho de um professor de primeiras letras” que seguira “por algum tempo o comércio; estudou depois e seguiu por alguns anos a profissão de seu pai, roubado-lhe pela morte, quando contava apenas de nove a dez anos de idade”.

O REI: Mas quem foi no Império do Brasil o autor da descoberta, que tanto ilustra, moraliza e felicita, honrando!?

MINISTRO: Um homem, senhor, predestinado sem dúvida pelo Onipotente para derramar esta luz divina por todos os habitantes do Globo que habitamos.

[...]

O REI: E nessa idade o que aconteceu? Pelo que dizes reconheço que não é um homem vulgar.

MINISTRO: Nessa idade, informam-me... isto é, deixou o exercício do magistério para começar a produzir de todos os modos; e a profetizar!

O REI: Então também foi ou é profeta!?

MINISTRO: Sim, Senhor. Tudo quanto disse que havia acontecer, tem acontecido; e se espera que acontecerá!

O REI: Como se chama esse homem!?

MINISTRO: Ainda não vos disse, senhor, que esse homem viveu em um retiro por espaço de um ano ou mais, onde produziu numerosos trabalhos sobre todas as ciências, compondo uma obra de mais de quatrocentas páginas em quarto, a que denomina E... ou E... de... E aí acrescentam que tomou o título de dr. C... S... — por não poder usar o nome de que usava Q... L..., ou J... J... de Q... L... — ao interpretar diversos tópicos do Novo Testamento de N. S. Jesus Cristo, que até aos próprios padres ou sacerdotes pareciam contraditórios!

No terceiro ato, contudo, suas siglas de nome próprio assinarão comunicado do rei, em uma transmutação física preanunciada pela teoria:

A RAINHA: Com muito prazer acompanhar-vos-ei em vosso modo de pensar e futura disposição. São horas de descanso, não quereis acompanhar-me?

O REI: Tenho ainda alguma cousa a fazer nesta sala. Não estou bem certo do que é; porém sei que me falta não sei o quê.

A RAINHA: Vede o que é; e se eu vos posso auxiliar.

O REI: Não me recordo, iremos portanto dar um passeio ao jardim, e depois se me lembrar voltarei. Ah! Agora me lembro: o rascunho da participação que

cumprir a todos os governadores que nos auxiliam em nosso importante governo. (*Senta-se, pega a pena, e escreve.*) “Meus muito amados súditos e governadores das diversas províncias do meu importante reino! Participo-vos, e sabeis que quase inesperadamente fui surpreendido por numerosos traidores, ladrões e assassinos, mas que, em um dia, hoje cercado dos meus generais e dos mais valentes, denodados soldados, obtive o mais completo triunfo sobre eles. É sempre a Providência Divina que auxilia nossas Armas e que, se por alguns momentos, como para experimentar a nossa crença, nos envia alguns flagelos, estes desaparecem logo, como as sobras da noite aos raios da loura Aurora. Publicai este fato glorioso de nossos concidadãos, de nossa fé, de nossa religião, de nossa moral e de nossa valentia. E conservai-vos, como sempre, no desempenho tão honroso, tão importante do governo que vos conferiu — O vosso Rei Q... S, — m — Palácio das Mercês, abril 9 de 1866.”

O REI E A RAINHA (*para o público*): Sempre a Lei, a Razão e a Justiça triunfam da perfídia, da traição e da maldade!

RUPTURA NA LINGUAGEM E INDÍCIOS DE UMA NOVA LÍNGUA

Assim que surgiram os primeiros estudos mais densos da obra de Qorpo-Santo, a sua militância por uma língua original recebeu atenção especial. Ao reunir a obra em uma enciclopédia — *Ensiqlopèdia: ou seis mezes de huma enfermidade* —, registrou ali não só todo seu esforço literário, mas impulsos de inclinação jornalística e científica. Suas buscas por uma codificação da fala “facilitadora” para nossas realidades sonoras produziram expressões curiosas, para ficar no mínimo, alimentando nossas reflexões acerca da língua do colonizador.

Em *Um parto: comédia em três atos*, em mais um rompante metalinguístico, Ruibarbo, personagem que pode ser identificada com o autor em tempos de estudante, discute com três companheiros assuntos dispersivos, quando discorre sobre as escolhas em sua escrita (cena segunda, ato segundo):

MELQUIADES (*pegando em um papel, em que Ruibarbo havia escrito*): Oh! Este Ruibarbo, quanto mais estuda, menos aprende! Pois ele ainda suprime letras quando escreve!

RUIBARBO: Doutor! Você não vê que quando assim procedo faço um grande bem ao Estado!?

MELQUIADES: Geral bem!?

GALANTE: São coisas do Ruibarbo! Tudo quanto ele faz diferente de outros homens, sempre protesta ser por fazer bem, ou por conveniência do Estado. Não é mau modo de se fazer o que se quer! É uma capa maior que a de Satanás! É uma espécie de Céu que ele tem, com que costuma abrir a terra!

RUIBARBO: Eu me explico: quando escrevo, penso, e procuro conhecer o que é necessário, e o que não é; e assim como, quando me é necessário gastar cinco, por exemplo, não gasto seis, nem duas vezes cinco, assim também, quando

preciso escrever palavras em que usam letras dobradas, mas em que uma delas é inútil, suprimo uma e digo: diminua-se com esta letra um inimigo do Império do Brasil! Além disso, pergunto: que mulher veste dois vestidos, um por cima do outro!? Que homem, duas calças!? Quem põe dois chapéus para cobrir uma só cabeça!? Quem usará ou que militar trará à cinta duas espadas! Eis por que também muitas vezes eu deixo de escrever certas inutilidades! Bem sei que a razão é — assim se escreve no Grego; no Latim, e em outras línguas de que tais palavras se derivam; mas vocês que querem, se eu penso ser assim mais fácil e cômodo a todos!? Finalmente, fixemos a nossa Língua; e não nos importemos com as origens!

Passadas as rupturas da forma, registradas no agitado século xx, podemos absorver os impulsos de uma língua portuguesa que se rebelou no sul do Brasil, ainda no século xix. A recepção de tão instigante questionamento linguístico que se produz em nossos dias (de acordos e desacordos ortográficos!), se não tranqüila, é, ao menos, entendedora da necessidade de movimentação do código linguístico como reação e resistência a determinadas imposições históricas, geográficas e políticas.

Além disso, vivemos tempos de registros, os mais velozmente variados, nos meios eletrônicos, e destacadamente nas chamadas “redes sociais”, que poderão levar o jovem estudante a logo reconhecer a legitimidade das teorias de Qorpo-Santo. O professor Eudinyr Fraga, no artigo “Um corpo que se queria santo”, assim elucida a ortografia *qorposantense*:

Uma das propostas mais curiosas do dramaturgo é a sua pretendida reforma ortográfica, visando tornar mais fonético o português, eliminando letras inúteis (como, por exemplo, o ph de *pharmácia*, substituído pelo *f*), o *y*, o *w*, o *c* cedilhado, se desnecessário, o *h*, quando não soa (desonesto, deshumano), o *q* em lugar do *x* (como na palavra *sexo* = *seqso*), e assim por diante. [...] Daí a grafia de seu nome *Qorpo* e do vocábulo *ensiqlopédia*.

Se levarmos em conta que antes da reforma ortográfica de 1911 — realizada, portanto, após quase meio século dos registros de nosso autor —, a palavra *ortografia* se escrevia *orthographia*, poderemos constatar que Qorpo-Santo, diferentemente das primeiras impressões, estava em uma direção bastante razoável em suas considerações acerca da escrita da língua portuguesa de seu tempo.

LEITURAS SUGERIDAS

“UM CORPO QUE SE QUERIA SANTO”, Eudinyr Fraga. Em: *Teatro Completo — Qorpo-Santo*. São Paulo: Iluminuras, 2011.

FUNDAÇÃO CULTURAL QORPO-SANTO. Disponível em: <<http://fundacaoculturalqorpo-santo.blogspot.com.br/>>.

“MALUCO PROVINCIAL, INVENTOR DE TALENTO”, Luís Augusto Fischer. Em: *Coruja, Qorpo-Santo & Jacaré: 30 perfis heterodoxos*. Porto Alegre: L&CPM, 2013.

MISCELÂNEA QURIOSA, Qorpo-Santo. Organização de Denise Espírito Santo. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

OS HOMENS PRECÁRIOS: INOVAÇÃO E CONVENÇÃO NA DRAMATURGIA DE QORPO-SANTO, Flávio Aguiar Wolf. Porto Alegre: A Nação; Instituto Estadual do Livro, 1975.

“QORPO-SANTO, UM CORPO ESTRANHO”, Alfredo Bosi. Em: *História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

ATIVIDADES SUGERIDAS

O *corpo estranho*³ nas escolas brasileiras do século XIX

O diagnóstico que se lê em atestado médico produzido pelo Hospício D. Pedro II, no Rio de Janeiro, em 1868, o livraria de todas as acusações anteriores e poderia salvaguardar sua biografia ou ao menos a sua obra:

nada indica no seu organismo um estado mórbido [...] a privação de sua liberdade, as contrariedades por que tem passado, e sobretudo a ideia que tanto o compunge de que o conservem recluso porque o julgam um louco nocivo, são causas muito poderosas que podem agravar seu incômodo.⁴

Contudo, o mal estava feito, e Qorpo-Santo, mesmo com o laudo de especialistas, não conseguiu o ressarcimento de seus bens e a paz almejada, como se sabe pelos estudiosos de sua obra e de sua vida.

Agora, entretanto, será possível encontrá-lo em novo campo de estudos, em espaço acadêmico livre a promover a livre expressão da obra desse tão inventivo criador que bravamente lutou até o fim da vida para acentuar uma escritura original, sem concessões que fossem alheias ao seu estilo tão contundente, em um país que muitas vezes prefere mais as facilidades do rótulo que o esforço da compreensão.

E aguçar o espírito de pesquisa, da busca pelos registros que ficam à margem e que poderiam contribuir não só para as letras nacionais, mas para o espírito crítico de nossos estudantes, é papel do educador atento e aberto às

³ Tomamos de empréstimo a expressão utilizada pelo professor Alfredo Bosi em referência ao autor — “Qorpo-Santo, um corpo estranho” — em sua *História concisa da literatura brasileira*.

⁴ Transcrição do laudo médico citada em “Um corpo que se queria santo”, prólogo de Eudinyr Fraga para *Teatro completo — Qorpo-Santo*, p. 12.

variadas expressões artísticas em língua portuguesa. Mesmo que distante dos cânones e expectativas regulares, as oportunidades de desenvolver a leitura das intenções para além da leitura de códigos, no ambiente escolar, parecem bastante razoáveis. E Qorpo-Santo talvez seja um dos principais nomes do teatro brasileiro, em sua formação, a provocar as competências leitoras do estudante e elevá-lo, então, à condição de um “leitor-investigador”.

■ *Audiobook*

Com a ampla popularização da internet e, dentro dela, das redes sociais, a divulgação de material destinado à promoção da literatura em meios audiofônicos também atingiu um público maior e mais diversificado. Não é difícil, hoje, encontrarmos experiências desse tipo para nomes bastante consagrados da literatura mundial. Com seus alunos, pesquise algumas experiências com essas características, para ambientá-los em relação ao exercício a ser proposto.

Separe a classe em grupos e solicite a cada um deles a elaboração de um *audiobook* para uma ou duas peças curtas de Qorpo-Santo. A gravação deve oferecer leitura dramática (entonação, sonorização etc.) e ser disposta em arquivo digital. Em seguida, verifique as condições técnicas de sua escola para, havendo possibilidade, publicar os trabalhos nos meios eletrônicos. Além disso, será interessante encaminhar o link para alguma biblioteca pública digital que aceite o formato.

■ *Fixar a obra de Qorpo-Santo*

Uma técnica que tem invadido as artes plásticas contemporâneas, cada vez mais adeptas do texto verbal, é a fixação de ideias, pensamentos ou simplesmente códigos decifráveis, em base adesiva, de fácil registro e movimentação. Há muitas receitas nos meios eletrônicos para uma variada gama de suportes adesivos. Investigue-as com seus alunos e, a partir da escolha da técnica, encomende a pequenos grupos (duplas ou trios) a leitura de textos variados, a fim de extraírem frases curiosas das peças de Qorpo-Santo. Seus aforismos também seriam bastante adequados a esse tipo de exercício.

Feita a recolha de frases, e suas respectivas impressões em papel adesivo, caberá aos estudantes a tarefa de escolher os melhores locais para afixar os “lembretes” de Qorpo-Santo, vindos diretamente do século XIX. Oriente os alunos nessa escolha de locais adequados, levando em consideração a “surpresa” e a “quebra de expectativas” como fatores significativos na obra do autor.

■ *Nomes próprios em Qorpo-Santo*

Os nomes criados por Qorpo-Santo para suas personagens costumam despertar bastante curiosidade e acentuam o senso de humor crítico de suas peças. Só para lembrarmos alguns: Rapivalho, Planeta, Furriel, Ostralêmio, Enciclopédio, Quadrado, Fernandinho de Noronha, Rumânica, entre muitos outros. Solicite aos alunos um levantamento de, ao menos, seis personagens. É im-

portante que elas sejam apresentadas a partir de seus papéis nas peças de origem, com breve descrição extraída da leitura. Além disso, exija a elaboração de uma ou mais hipóteses sobre as intenções do autor ao nomear as personagens escolhidas.

Esse tipo de exercício costuma promover a observação da técnica utilizada pelo autor para estabelecer suas experiências com a linguagem. Procure chamar a atenção dos estudantes para a manipulação de sufixos e prefixos, além dos nomes nitidamente associados a situações distantes de um substantivo próprio (e, por isso, bastante improváveis para um ser humano), mas elucidativos e adequados ao espírito crítico do autor.

■ *Encenação*

A encenação de uma obra tão enigmática não exige um auditório requintado, podendo até mesmo a escolha do local ser uma das decisões do grupo passível de avaliação. Verticalizar uma peça em ambiente escolar merece o cuidado e a paciência do educador para que o estudante não perca de vista o objetivo primeiro e principal: a leitura crítica de uma obra artística (e nesse caso, polêmica!).

Dar nitidez aos imbricados caminhos das cenas elaboradas por Qorpo-Santo pode ser a oportunidade de devolver ao estudante sua condição de investigador de conceitos, pesquisados antes e além da própria obra em questão. Em um conjunto de peças tão variado, é possível selecionar uma delas de acordo com o perfil da turma. É importante recrutar estudantes que queiram desenvolver habilidades ligadas aos aspectos mais visuais da peça escolhida, uma das forças da linguagem do autor, como vimos. Cenário, figurino, comunicação visual (para os cartazes, anúncios, mensagens eletrônicas), são fatores que podem gerar interpretações críticas significativas por parte do público. Assim também, uma boa pesquisa elaborada por alunos mais interessados em sonorização de ambiente pode originar a sonoplastia mais adequada às experimentações de Qorpo-Santo. A direção do espetáculo também pode estar a cargo de um estudante, preferencialmente que exerça liderança positiva sobre a turma.

■ *Recre(i)ação*

Aproximar o jovem estudante brasileiro de obra tão controversa e desafiadora é exercício acentuado de leitura reflexiva, que, além de ser decodificação, compreensão e interpretação, quer ser uma leitura independente e crítica, em sua busca das intenções criadoras do autor. Ler, encenar e exercitar o jogo das intenções de Qorpo-Santo pode levar o jovem estudante à condição mais requintada de investigador.

Após aproximar os estudantes da linguagem de Qorpo-Santo, encomende a duplas ou trios a criação de uma cena de teatro ao modo do original escritor gaúcho. Substantivos próprios, adjetivos e neologismos, os mais provocadores (e divertidos!) possíveis — em uma espécie de grande homenagem do século XXI ao fecundo autor do XIX — não podem faltar. O principal objetivo

da atividade — potencializado pela inventiva linguagem de Qorpo-Santo — é levar o estudante a vivenciar o ato de fixação de ideias e pensamentos críticos pela linguagem literária mais experimental.